

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Março de 1863.

XII.

SUMARIO.

	Pags.		Pags.
A desgraça da riqueza, por ANNA AUGUSTA PLACIDO.	373	A la Ciudad de Porto, por LEON DE LA VEGA.	392
Versos de Bulhão Pato, por J. M. DE ANDRADE FERREIRA.	3-3	Do amor nas lemdas pagãs, por MACEDO SEABRA.	396
Correspondencia, por MIGUEL NOVAES.	388	Dinheiro, por F. X. DE NOVAES.	399
		Chronica, por MACHADO DE ASSIS	403

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.

A DESGRAÇA DA RIQUEZA.

(Continuação do n. 11.)

II.

La solitude n'est pas toujours
« au milieu des forêts et des
« rochers. L'infortuné est seul
« partout.

Le Lépreux *Xavier de Maistre.*

Quatro annos são passados : nos ultimos dias de setembro as galas do estio espalhavam-se n'um ceo puro, e o pôr do sol com todos os misterios d'aquella hora de suavissima melancolia dava uma cor ideal ao brilhantismo das searas. Se ha hora em que o espirito, atreito a tristezas, pense, medite e soffra insondaveis amarguras, muitas vezes sem causa apparente, e só por intuição das que o destino lhe prepara, é esta.

A brisa da tarde levantara-se meiga beijando o tronco dos arbustos, e a tige da florinha cheirosa que de manso fazia ondular, embalsamando a athmosphera.

Lamento sinceramente as pessoas que não conhecem os arrabaldes do Porto ; aquella rica e vigorosa vegetação em que desabrocham como espontaneamente as rosas, os lirios, e as madre-silvas. Esta aridez, e secura meia affricana dos arredores de Lisboa, contrista . aperta-me o coração n'uma saudosa lembrança d'aquelles vergeis risonhos do Minho, que talvez não verei mais.

Quem caminha pela margem esquerda do Douro vê ao longe dous torreoens que fazem frente a um elegante palacete circundado de arvoredos e jardins. Do largo portão sobe-se uma rampasinha assombrada por acacias e magnolias que formam ala cerrada até ao pequeno édensinho que tentaremos esboçar. Nunca variedade mais escolhida do luxo da Providencia encantou olhos de florista apreciador. Aqui, temos a camelia pavoneando-se orgulhosa, ali a fragancia denuncia o lilaz, e o jasmim do cabo, mais além a rosa amarella cercada

de botoens enfeita-se radiante, enquanto a flor da murta, toda graça e modestia, procura esconder-se entre as miudas folhinhas. No centro cahe em taça de marmore o golpho de agua limpida, depois de ter borrifado as azas do cisne que o despenha do longo bico.

Uma varandinha de ferro, forrada por d'halias de mil cores e variedades vai rodeando a casa, e conduz-nos a um lugar, não menos aprasivel. Da estufa bordada de trepadeiras e plantas meridionaes, passa-se ás grandes arvores, ás grutasinhas rusticas, e á ruidosa cascata recamada de busios e conchinhas, que formam o cortejo do Deus dos mares, com a sua corôa e tridente dourado.... E a vista ainda não pára em tantas grandezas, que são mais filhas da natureza que da vontade do homem.

Defrontando com a porta da entrada, a vinte passos, no centro d'um bosquesinho de verdura, brotam de singela fonte, fios de cristal.

As rasgadas janellas do edificio parallelas aos jardins, todas abertas deixam ver o confortavel e apparatuso dos saloens.

Que fada, pois, que mão poderosa creára estas maravilhas? Eil-a: encaminha-se para nós. O pisar, a simplicidade graciosa do vestuario revella mulher habituada ao fino trato. E' uma completa transformação; ninguem poderá reconhecer a antiga costureira. Pois é Marianna. E' ainda uma formosura admiravel, mas d'um character differente do que fôra. Adivinha-se-lhe a maceração occulta da alma, nos traços de recentes lagrimas, e no avincado da fronte, que verga ao peso de amargos pensamentos.

Que tempestades ali se terão dado? Ai! quantas vezes, calcando alcatifas, terás chorado pela tua pobre casinha, pela mesa de pau de pinho, e o canteiro que todos os dias cuidavas com tanto amor! Ai! quantas mais ainda, terás amaldiçoado a louca ambição, que te tresvariou, quando tão perto estavas da felicidade!

Marianna caminhava lentamente, e sem dar por isso; os braços pendiam-lhe aos lados como a estatua do desalento. Neste comenos, por entre a ramagem viu vir a ella uma mulher que toda se recostava no hombro d'um homem, com o abandono da intimidade.

Angustioso spasma a tomou: cahiu sobre um banco,

fechou os olhos, e quando os abriu meia visão desapparecêra, só o homem estava a seu lado. Quem era elle ! Era D. Antão de Castro e Mello, o filho de uma casa illustre, e marido, ha quatro annos, de Marianna. Era o escolhido do seu coração, aquelle que preferira ao grande affecto do pobre Francisco, que esteve a ponto de estalar de dor.

« Sempre de ar queixoso e choramigas ! — diz elle contemplando-a com ironico sorriso. — Qualquer dia veremos ressurgirem as lastimas da celebre Dido. Pois ninguem o acreditava quando tanta poesia e sentimentalismo se acobertava.....

— Debaixo do capote da pobreza, e do trabalho honrado — acabou Marianna com voz maviosa. — Tem razão, meu amigo.

« Parabens pela penetração ! Meia palavra lhe basta para comprehender. E' realmente um espirito forte e encantador — tornou D. Antão depois de curto silencio.

— Forte ! murmurou ella como para si — fortes são os que soffrem com resignação, acceitando a desgraça como castigo de grande e voluntaria culpa. Mas eu, infeliz ! ainda não pude conformar-me.

Espirito encantador, é aquelle que póde rir das agonias que causa. Oh ! como eu o invejo !... Ouça-me D. Antão : eu ameio-o muito.....

— Quer então annunciar-me o tumulo desse affecto ? — torna elle no mesmo tom. — Não sei, — responde Marianna mansamente — não posso explicar o que sinto ; o que quero, é convidal-o mais uma vez á separação amigavel ; quero deixal-o livre a todas as exigencias das suas paixões ; desejo retirar-me a um canto ignorado, onde possa chorar e curtir os meus desgostos sem receio do sarcasmo, e...

Uma gargalhada estridente cortou-lhe a palavra. « Queria então ir arrastar o meu nome no lodo ? — diz D. Antão com um accesso de raiva. « Não ! já lh'o disse, a separação é impossivel. Chegou o momento de largar esta mascara que tanto me pesa. Saiba que nunca a amei, e hoje, que a detesto. A sua vista tornou-se-me insupportavel e odiosa, desde que na propria mudez leio a minha accusação. Contente-se, porém, com a existencia que gosa, nem a tanto devia aspirar ; viva como quizer, são-me indifferentes os seus actos ; mas procure não estorvar os meus prazeres, nem chamar a attenção da sociedade sobre nós. Em frente della continuamos como até

aqui; a sós, jamais nos conheceremos: de hoje em diante somos estranhos.

Disse, e voltando-lhe as costas, com passo rapido entrou em casa.

« Agora sim; bem dito sejaes Senhor! — diz Marianna comprimindo o seio alteado. — O coração está morto.

III.

« Les larmes ne doivent couler que sur
« les malheurs vulgaires : elles sont une
« insulte aux infortunes inouies
Un amour dans l'avenir, — MÉR.

Alta noite, Marianna, não podia refrear os impetos vertiginosos d'um sangue inquieto e febril. Esta paixão que lhe avassalava a alma, ganhára tão fundas raizes que, mesmo depois de violentos arrancos, quando parecia que declinava, ou devia fenecer, lançava ainda lampejos tão ardentes, que só diante do algoz, podera domal-os a infeliz!

« Expição! — dizia ella comsigo — Oh! quanto does!... E' preciso tomar um partido definitivo; mas qual, meu Deus? qual?! Oh! Francisco! Thereza! minha tia! ai! porque eu troquei a vossa affeição tão verdadeira? Como a ambição transtorna! Como eu pude esquecer-vos por tanto tempo, nobres creaturas, que recolheste a orphan quando lhe mingoava o pão da alma e do corpo! Que celestes consolações me podem dar ainda os vossos labios queridos! Sim: irei procural-as; só vós me restaes, amigos da infancia, pobre de bens, mas tão rica de contentamentos e de carinhos...

Cansada de tanto meditar, o desespero transigiu com a paciencia, deixando-lhe entrever um asylo misericordioso para as suas desditas. Atirou comsigo ao leito embalada pelo hymno da esperanza que lhe trouxe um somno reparador. Comtudo, rapido foge o tempo de descanso aos que padecem.

Mal repontava o dia, já Marianna elevava a Deus as preces humildes d'um coração fervoroso, esperando centuplicar as suas forças com o lenitivo da conformidade e resignação christan.

Fortalecida pois com o remedio divino, encaminhou-se ao jardim. A manhã abria-se em aromas, e em cantares dos povoadores das selvas. O orvalho como gotas diamantiñas aformosentava as folhas de esmeralda, e o sol, esplendido

mensageiro do Senhor, abria as suas torrentes de luz com todos os encantos e poesia.

Marianna, toda contemplativa e scismadora, sentiu-se mais desafogada ali e maquinalmente se foi entranhando n'aquellas cogitações que da doçura passavam ao fel, e a levavam longe do mundo real.

Debruçada n'um mirante que ficava sobranceiro á estrada, e donde se descobria ao longe o Porto, os olhos da sua alma buscavam o horisonte d'um passado tão saudoso.

De subito, feriu-lhe o ouvido um rumor imperceptível. Era Luciano, o unico parente e amigo de seu marido, que lhe devia consideração e estima. Era um velho de cabellos brancos, moço ainda pela experiéncia e coração que sabia advinhar a dor d'este, que entre tantos escolhos se despedaçava.

« Pobre anjo ! Como te desconhecem — dizia elle baixinho, com voz que exprimia profunda commiserção.

« Quem poderá resgatar-te das garras inexoraveis do teu máo destino ? !

Marianna ouvira. Voltou para elle o rosto banhado de lagrimas, estendeu-lhe a mão, e respondeu com magoada firmesa. — Impossivel ! Esperaçava-me na morte, e essa mesma me foge !... Não se magoe d'este pranto, que é consolador, meu amigo. só a incerteza acabrunha, e eu acabo de tomar uma resolução salvadora. D'aqui em diante a minha estrada é firme ; posso caminhar affouta. O horroroso de tantos soffrimentos, envelheceu, curvou-me o corpo, mas o espirito resiste... Dê-me o braço e conversemos.

—Esposa sem marido, rica sem nada a que possa chamar meu !... Oh ! o Senhor até me roubou a ventura de mãe. Se eu tivesse um filho ! Mas nada. Em volta de mim só vejo a negrura da solidão moral.

Orphan de tudo o que dá prazer e revigora crenças, resta-me apenas a recordação de quatro annos de angustiosas torturas... Imagino que preciso d'um desafogo que será o ultimo ; ouça mesmo as incoherencias da minha razão com caridade, porque pouco a pouco me vou apercebendo que de ninguem a mereço... Não me interrompa, meu amigo. Foi o dinheiro que me perdeu ! eu era tão feliz quando olhava o fructo do meu trabalho, acalentada pela affeição da minha familia ! Maldito seja o ouro que tantos prazeres me roubou, sem me dar um, sequer, como compensação aos muitos que perdi ! Quantas vezes, cercada das

adulações que nunca faltam á mulher na bella idade da vida, no meio do turbilhão de um baile, eu me perdia no estremecimento do desgosto, e da amargura que me ralava?! Pobre, nunca conhecêra D. Antão, nunca os seus olhos podiam baixar-se á humilde costureira. Ai! como eu o amei! Como eu acreditava aquellas fallas, que só o desejo de possuir uns miseraveis mil crusados, que deviam desempenhar-lhe os bens, tornava acariciadoras, ardentes, e apaixonadas!

— Que fundo de falsidade, e perfidia ha sempre no coração do homem!

— Se nos acarinha com meiguice é porque uma outra acaba de prometter-lhe venturas n'um sorriso; se nos repulsa com enfado, é porque lhe servimos de estorvo. Sempre traidores, sempre ingratos!.... Como eu cahi do throno que a mim mesma me levantára! Trez mezes não eram bem findos depois que lhe chamava meu, quando a terrivel verdade se desnudou aos meus olhos. Não só eu era despresada, mas outra merecia a D. Antão o amor que me era devido. A longa taça dos meus ciumes, o desespero d'aquellas dores infindas, o remorso mesmo, devia enlouquecer, ou matar, e eu vivi.

— Cegou-me não sei que tola idéa: cri que affectando nada saber, á força de prudencia e resignação, enterneceria o coração de meu marido até que, um dia, elle proprio havia de suavisar os males que causára. Escuso de mencionar o que lucrei com isto.

— Surprehenderam as minhas intenções. Escarnecida por elle, sem authoridade diante dos meus creados, e por fim relegada n'um curto espaço da minha casa para não ouvir os epigrammas e finas ironias, d'aquella que é realmente a unica senhora aqui; veja, meu amigo, que posso eu fazer? Que refugio se me abre? Diga: póde com tanto o coração humano?

— Tenho perdida a esperanza de reaver, ou melhor, de conquistar a affeição de meu marido; e conhecendo o motivo da acintosa persistencia de guardar-me na sua companhia, vou terminar com isto. Morta para elle, morta igualmente estou para este mundo que não é aquelle em que nasci.

— D. Marianna de Castro e Mello, morreu, e em seu lugar resuscita a obscura costureira da rua Chan. Não me condemne por esta resolução inesperada; pense um pouco, e responda depois de se ter compenetrado bem do horror da minha situação.

O que eu espero, é que a sua voz se levante energica a defender a memoria da finada, se um dia os labios de D. Antão se abrirem para uma suspeita infamante e injuriosa.

—E agora, meu amigo, um abraço, e nem uma só palavra desta confidencia que deve morrer aqui.

Estavam em frente de casa. Houve um momento de silencio. Luciano levantou depois a voz :

« E' immudavel essa idéa? — Immudavel como a lousa do sepulchro — respondeu Marianna com melancolica doçura.

« Deos o quer — tornou elle — será uma inspiração divina. Entraram ambos na salla preparada para o almoço.

IV

« Chacun pour soi, dans ce désert d'égoïsme qu'on appelle la vie.

Le rouge et le noir. — STENDHAL.

Minutos depois, D. Antão, reunia-se-lhes para esta primeira refeição do dia, que correu taciturna e tristonha.

Marianna foi a primeira que se levantou, e lançando um olhar a Luciano recommendando-lhe descripção, sahio da salla.

« Estranho hoje o teu modo quasi lugubre. Que demonio tens tu? — diz D. Antão. — Acaba, e eu t'o direi — responde este. « Ah! temos mysterio? Pois vamos a isso, que tenho de sahir, e o cavallo deve estar aparelhado — tornou D. Antão caminhando para os seus aposentos. Chegado ali: « Creio que podes fallar.

— Fallarei; mas peço-te que me escutes com attenção — diz Luciano com voz severa. — Sabes que afóra os laços de sangue, fui amigo verdadeiro de teu pai; que te vi no berço, D. Antão. Isto é o mesmo que dizer, que te dei na minha alma um lugar distincto. Quando te vi só no mundo, entregue a toda a casta de desvios, julguei-te com indulgencia, esperando que os annos madurassem os arrojos da creancice. Mas de dia em dia se vai passando o tempo, e as tuas faltas crescem aos meus olhos. Ao teu lado está uma mulher a quem deste o teu nome, e juraste affeição; não quero entrar no vergonhoso motivo que te levou a isso. E que vida tens dado á pobre senhora, a quem debes a opulencia que hoje gosas? E' um

assassinio lento que tu premeditas talvez, com o diabolico applauso da tua cumplice. Vergonha sobre ti, e sobre ella, D. Antão! D. Leonor de Mello é ainda tão minha parenta como tua, mas eu renego a mulher que entregue a um amor criminoso se avanteja ao homem pelos instinctos de ferocidade. Conheces o longo martyrio de tua esposa, D. Antão? Recordas-te do que lhe tens feito soffrer? Sabes como tua prima trata a senhora desta casa? Chamou a si todos os poderes, despediu antigos servos que saberiam reconhecer e respeitar as virtudes d'aquella que tão nobre e dignamente sustentá a honra dos Mellos, e em seu lugar metteu creaturas vis a quem ensinou em praticas miseraveis a olhar de differente maneira a innocente victima da tua cobiça. Queres agora conhecer a distancia em que estão estas duas almas? Tua esposa está morta para ti, e para o mundo. Hoje mesmo sae desta casa sem nada levar, nem pedir, deixando-te gosar tranquillamente de tudo. Vai, a desditosa, junto de pobres parentes, remir com o suor e as fadigas do trabalho, a culpa de ter acreditado os teus falsos juramentos. E poderás tu consentil-o, D. Antão? Onde está o sangue, e os bríos de teu pai?... Tu não sabes, não conhecerás nunca qual é o viver dos anjos. Está no casamento meu amigo, quando se tem a ventura de encontrar uma esposa como a tua. Que tua prima Leonor se recolha a um convento; e tu lança-te aos pés da santa de quem te affianço o perdão, e lá do céu tua mãe ha de abençoar os teus esforços, de que em breve te regosijarás. Sé forte, D. Antão, e na tua consciencia acharás a recompensa merecida.

D. Antão escutará silencioso, e meditativo. Por vezes como uma sombra de commoção lhe passou sobre o rosto, mas rapida, e como fugaz relampago, esta impressão se esvaecia. A lembrança de que ficava senhor seu, sem ter que repartir os bens, nem mesmo apoucal-os com mesadas obrigadas, soava-lhe na alma harmoniosamente; e, em quanto Luciano o contemplava com vista prescrutadora, reforçava-se elle para a resposta de que conhecia todo o alcance. Foi então com voz firme que deixou cahir estas palavras:

« O que exiges de mim, é impossivel! Mariannã será tudo quanto pensás, mas eu não a amo. Que faça o que quizer, a sua vida é-me indifferente. De mais, que perdeu ella? Nada: era costureira, e costureira fica. O acaso que a tirou dessa situação, torna hoje a lançal-a nella; nada mais. Não discutamos o que está no destino, meu amigo: até logo.

E sahio.

Luciano ficou incendiado na mais dolorosa indignação. Esta baixesa de sentimentos no homem que presava como filho, e de quem tanto esperava, doía-lhe como chaga incuravel. Por muito tempo ficou mergulhado nesta amargura até que um creado veio entregar-lhe uma carta. Luciano percorreu com vista embaciada por lagrimas estas duas linhas que encerrava o papel :

« Ouvi tudo, meu amigo. Agradeço pela morta adeus, até um mundo melhor.

MARIANNA. »

—

V

Quanto herói-mos conheces destes ?

Homem de brios.—CAMILLO C. BRANCO.

Nove horas da noite soavam no relógio da torre dos Clerigos. Na pequena casa de Jeronyma guardavam-se os antigos habitos. Era a hora da ceia. Francisco fechou a loja onde estivera a saroar, subiu a estreita escada, e foi dar ao pé das duas mulheres. Theresa podéra emfim estabelecer-se, ficando com a sobreloja em que vivera Marianna. Já não ia fóra procurar trabalho, e de mais era elle muitas vezes, obrigando-a a longas vigílias. Francisco foi chegando de mansinho ; e, enquanto beijava a fronte encanecida de Jeronyma, affagava com a mão os cabellos da irman.

« Vamos, deixem a agulha — diz elle — porque se cansa tanto, minha mãe ? E tu, Thereza, sempre trabalhas como rapariga que espera noivo do dote. — Noivo ! — responde esta com sincero terror — Cruzes, eu te arrenego ! Tenho medo aos taes phariseus : vejo sempre diante dos olhos o exemplo da nossa boa Marianna. Pobre irman !

—E' então certo que está muito infeliz ? — diz Francisco com voz commovida. — Infeliz, a não poder ser mais — responde Thereza — Soube-o por uma creada da casa que mal sabia quanto me magoava. Quando me lembra como viviamos aqui todos tão felizes ! Dá-me vontade de ir descompor o grande patife que só lhe quèria o dinheiro.

—Cala-te, Thereza ; não sejas maldizente. E' marido de tua prima, e póde ser que o Senhor ainda lhe toque o coração. O passado é que não volta, — acabou Jeronyma com um suspiro a que respondeu como um echo, um outro mais profundo.

Jeronyma voltou o rosto, e contemplou Francisco escondendo duas lagrimas. « Para a mesa, meus filhos, — diz levantando-se — Deus abençoa os que se humildam á sua divina vontade...

Uma pancada na porta da rua fel-a emmudecer.

« Quem será a esta hora ? Abre, filho.

Francisco puchou uma corda que do topo da escada prendia o ferrolho da porta, e viu, na meia escuridão, um vulto de mulher, caminhando com passo vagaroso, e cabeça baixa.

A' entrada da salla, sacudio dos hombros a capa escura que a embrulhava, e emquanto os espectadores desta scena não sabiam que julgar, Marianna ajoelhava aos pés de Francisco e Jeronyma, que se tinha aproximado, bradando com voz gemebunda. « Minha tia ! Francisco ! Sou eu. Perdão para a viuva, para a orphan, que vem outra vez procurar aqui abrigo, o pão do trabalho, e as consolações da amisade.

Seis braços se estenderam á infeliz.

« Graças, meu Deus ! graças ! — diz Marianna ainda de joelhos, com as mãos postas e os olhos fitos no céu. « A expiação acabou ; a primeira hora de redempção é esta.

Pouco mais de seis annos têm passado sobre os acontecimentos que narramos. A bordo d'um navio mercante, com destino ao Brasil, ia D. Antão de Mello, pobre, abandonado dos seus, e depois de ter esgotado o calix amargoso do desvalimento que traz a pobreza,

Constou depois, que d'ali passara á Africa empregando-se no trafico da escravatura, e lá morrera julgado pelas leis inglezas.

A costureira esqueceu o sonho—como ella lhe chamava—da brilhante Marianna de Mello, a inveja, e a cobiça de tudo o que era distincto na sociedade ; viveu e morreu contente no seio das companheiras da sua infancia.

Lisboa, Outubro de 1862.

ANNA AUGUSTA PLACIDO.

VERSOS DE BULHÃO PATO.

(Continuação do n.º XI.)

Mui de proposito transcrevi mais amplamente parte desta poesia para evidenciar a modificação que pareceu operar-se no espirito do poeta. Sem perder de todò a singellessa primitiva, aquella graciosa singellessa de candidos affectos, que de certo fez appellidar a sua poesia de poesia loura, Bulhão Pato deixa entrever na *Lelia*, ainda atravez da antiga exaltação e do seu verdadeiro e sincero enthusiasmo, uns longes do sarcasmo de Affonso Karr e do asedume satyrico de Byron. Mas isto é uma concessão á época. O prurido da analyse, esta incuravel enfermidade de nossos dias, que tem ido embotando nos espiritos os mais nobres e generosos impulsos, e semeando o desalento e a desesperança, tentou talvez o poeta, mas não o venceu. Foi o Satanaz da sociedade pervertida, como elle mesmo o figura, que o levou até á beira do abysmo, onde, uma vez precipitado, o talento perde as azas candidas da sua innocencia primitiva, esquece de todo as imagens risonhas dos horisontes por onde espaireoêra as illusões mais queridas do seu viver, e mal respira nas lobregas entranhas onde se passam as grandes miserias humanas. O poeta neste triste estado deixa a penna dourada das nativas concepções, e trava do escalpello que disseca uma por uma as fibras do coração ; já não é o cantor singello dos puros e nobres affectos, é o analysta caustico e ameaçador das nossas fraquezas.

Mas a boa tempera da indole poetica de Bulhão Pato salvou-o a tempo. Nada mais avêso aos seus instinctos, ás suas predilecções, ao jacto natural, limpido e sereno da sua veia, do que as irrupções abruptas do estro destes poetas — moralistas, destes — libellistas metrificadores, mistura incestuosa de Rabelais e Jeremias, que apregoam bem alto os defeitos do mundo para mais facilmente esconderem os seus. E Bulhão Pato, um momento transviado das antigas predilecções, logo o mostrou, compondo a inspirada dedicação a *Helena*, a sua ultima composição poetica, e que é um regresso felicissimo aos primeiros tempos do seu singello e affectuoso poetar. Que pena não a poder trasladar para aqui por inteiro ! Mas já nas primeiras estrophes o leitor conhece a verdade do que fica escripto.

Lembras-te, Helena, o dia em que deixamos
O teu saudoso valle, e lentamente
Pela elevada encosta caminhamos ?
O sol do estio ardente,
Já não brilhava nos frondosos ramos
Do arvoredo virente.

Chegára o fim do outono: a natureza,
 Sem ter os mimos da estação festiva,
 Nem aquelle esplendor e gentileza
 Que tem na quadra estiva,
 Na languida tristeza,
 Na luz branda e serena
 Daquelle ameno dia,
 Que immensa poesia,
 E que saudade respirava, Helena !

Subindo pelo monte,
 Chegamos ao casal, onde habitava
 A tua protegida,
 Aquella pobre anciã, que se agarrava
 Aos restos desta vida !
 Assim que te avistou, ergueu a fronte,
 Curvada ao peso de tão longa idade,
 Sorrindo nesse instante
 Com tal vida, que a luz da mocidade
 Parecia alegrar o seu semblante !

Vinte annos tu contavas nesse dia :
 A fiel servidora,
 Era a primeira vez que não podia
 Deixar a casa ao despontar da aurora,
 E, cheia de alegria,
 Caminhar para o valle como outr'ora,
 Depôr uma lembrança em teu regaço,
 E unir-te ao coração n'um meigo abraço !

Tu, na força da vida,
 Circundada de luz e formosura,
 Foste levar á pobre desvalida
 Os dons do lar paterno ;
 Alegrar com teu riso de ternura
 Aquelle frio inverno !

Ao ver-te, com teus braços
 Nos seus braços senis entrelaçados,
 A ventura nos olhos encantados,
 A inspiração na fronte deslumbrante,
 Afigurou-me então o pensamento
 Ver um anjo descido dos espaços,
 D'aspecto fulgurante,
 Enviado por Deus nesse momento,
 Para animar os derradeiros dias
 De quem, cansado do lidar constante,
 Abre o seio na morte ás alegrias !

As lagrimas de gosto
 Corriam cristalinas
 No rosto della e no teu bello rosto.
 Como orvalhos do céu aquelles prantos,
 Um brilhava na hera das ruínas,
 Outro na flôr de festivas encantos,
 Na rosa das campinas.

Quando voltaste a mim, illuminava
 O teu semblante uma alegria infinda.
 Depois quizeste ainda
 Ir visitar a ermida que ficava
 No ápice do monte.
 Firmaste-te ao meu braço, e caminhamos.
 No esplendido horisonte
 Já declinava o sol, quando chegamos.

E' exactamente a mesma simplicidade de fórmas, a mesma pureza de affectos, a mesma expansiva e natural poesia do coração sempre aberto ao amor, e que o aspecto melancholico dos campos enche de saudade.

Onde se sente mais isto é na sentidissima elegia, levada, como uma saudade sem esperança, á sepultura de Salvador Corrêa de Sá, amigo de infancia de Bulhão Pato. Parece que o anjo da dôr, depois de ter enchido a sua urna das lagrimas de amizade, as filtrara todas no coração do poeta. Só um talento que tão de perto vive dos impulsos do coração, poderia encontrar acentos de tão viva e penetrante angustia. Vejam se não ha nos versos que vão seguir-se alguma cousa do sentimento intimo e delicado, que pertença só ao affecto maternal. E' a mesma exquisita sensibilidade, o mesmo conjuncto de sensações afflictivas desentranhadas dos seios da alma, e coloridas pela eloquencia das dôres sem consolação.

« Bem sei que era exilio a terra
 Para ti, anjo do céu!
 « Porém, filha, abandonar-me,
 Quando toda a minha vida
 « Era a luz d'um olhar teu,
 « Ouvir essa voz infante,
 « Ver a impaciente alegria
 « De teu candido semblante!

Deixar-me assim na existencia,
 « Triste, só, desamparado,
 Aquella flôr de innocencia!
 « Que lhe fiz? Tinha-a creado
 « De quanto amor neste mundo
 « Pela mão da Providencia
 A peito de homem foi dado!
 « Oh! que affecto tão profundo!
 « E tu podeste partir?!
 « Pois não tiveste piedade
 Desta solemne amargura,
 « Desta infinita saudade?!
 « Vi-te inda olhar-me, e sorrir,
 « Erguer os olhos aos céus,
 « No instante de proferir
 « O fatal e extremo adeus!
 «
 « Oh! volve outra vez a mim,

« Desce á terra, anjo do céo,
 « Vem dar-me a ventura emfim !
 «
 « Olha : o vivo sol de abril
 Já nestes campos rompeu ;
 As rosas desabroxaram,
 O rouxinol desprendeu
 « A voz em saudosos cantos ;
 « Os sitios onde passaram
 « Os teus descuidados annos,
 « Não os vês cheios de encantos ?
 « São estes ! A mesma fonte
 « Ferve além ; naquelle outeiro
 « O mesmo casal alveja ;
 « As ramas do verde olmeiro
 « Dão sombra á modesta igreja,
 « Onde tu vinhas resar,
 « Quando o som da Ave-Maria,
 N'hora meiga do sol-posto,
 « De vaga melancolia
 « Toldava teu bello rosto.
 « Tudo o mesmo !... esta inscripção ! ..
 « Este nome !... anjo do céo,
 Este nome, filha, é teu !
 « Oh ! meu Deos, por compaixão,
 « Na mesma pedra singella,
 « Juntae o meu nome ao della ! »

É Deos ouviu a oração...
 O mesmo tumulto encerra
 Filha e pae. Na mesma lousa,
 Onde repousam na terra,
 Uma lagrima saudosa
 Vem hoje depôr tambem
 A esposa, a viuva, a mãe !

Um dos maiores meritos de Bulhão Pato é a concisão admiravel do seu estylo, concisão que elle leva aos verdadeiros resultados dos grandes mestres, principalmente quando bosqueja os paineis da natureza. Os aspectos diante dos quaes a sua musa parece embevercer-se, são sempre simples e tristes, como a indole do poeta. O pôr-do-sol, o cahir das folhas do outomno, o adro de uma aldeia, o casal que alveja ao longe por entre as cristas da serra, são, em geral, as scenas que a phantasia se compraz de lhe aproximar, de contornar, e que lhe torna como os horisontes permanentes da sua existencia poetica. Mas ha sempre um vivo sentimento de poesia nestas pinturas ; e é observando-as, e é estudando-lhe os effeitos que a sua impressão nos produz, que se percebe bem que secretos dons de influencia moral exercem n'alma estas combinações, em que o poeta parece chegar a ser pintor, porque o pintor, para o ser ver-

dadeiramente, não pôde deixar de ser poeta. Alguns exemplos, colhidos aqui e acolá, explicam isto melhor que todas as analyses. Vejam se com linhas mais singellas se pôde esboçar quadro mais amplo e solemne.

Nas nossas almas existia um mundo
 De indefinito amor ;
 Do pélago profundo,
 Onde ruge o furor
 Insano, concentrado, atroz, maldicto,
 Desta cruenta guerra
 Das ambições da terra,
 Nem uma maldição, um som, um grito
 Nos vinha perturbar !
 Era a amplidão do céu, a solidão da serra,
 Ao longe... a voz do mar !

Que magestade e simplicidade de linhas ! Outro quadro não menos verdadeiro :

Daquelle pobre casal,
 O fumo que vae subindo,
 Em ondulante espiral,
 Não diz que em volta do lar
 Se reúne a pobre gente,
 Que já de perto presente,
 O frio inverno chegar ?

Quita não saberia traçar melhor este painel campesino.

Agora este outro que parece sahir da palheta suave e melancolica de Gessner. Ha nelle o sentimento dos magicos affectos da natureza, que tão bem comprehende e exprime a musa allemã.

Era singello, mas sublime o quadro !
 Em roda o mato agreste ;
 No meio a pobre ermida ; ao lado della
 Um secular cypreste ;
 E sobre a cruz do adro
 Pendente uma capella
 De algumas tristes, desbotadas flôres,
 Talvez emblema de profundas dôres !

Bulhão Pato tambem algumas vezes tem ensaiado o genero satyrico, e com felicidade, como se vê pela poesia o *brinde*, que é um desfechar constante de epygrammas contra algumas das grutescas personificações da nossa comedia politica. Mas eu prefiro, declaro-o francamente, não ver tão bello estro abater seus vôos serenos a estes charcos. As suas tendencias são outras, e mui diversas. O talento que vive do coração, a mente que se inflamma só com o fogo dos sentimentos nobres e serenos, não pôde prestar-se a acceitar em o numero de suas predilecções, assumptos repugnantes, e cujo halito cresta sempre as azas candidas do poeta. Que Bulhão Pato é o pri-

meiro a repellir, com o seu desdem, estas lastimáveis individualidades, dignas só de attrahir as iras do libellista; e nas raras horas que a sua musa lhe tem emprestado algumas expressões de zombaria contra taes creaturas, têm sido sempre com a hombridade e desabrimto de quem applica uma correcção por força de necessidade: é mais uma pirraça do genio insofrido do mancebo, que ainda mesmo um desafogo do poeta. Este não se rebaixaria a tanto.

Lisboa — Valle do Pereira, 20 de Agosto de 1862.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

CORRESPONDENCIA.

Janeiro 26 de 1863.

Meu caro irmão.

Cinco lustros incompletos ha, que na formosa Cidade de Santarem, á luz vivificadora d'este nosso sol, debaixo d'este nosso ceu limpido e sereno, desabrochava em deliciosa manhã de primavera, tenra e mimosa florinha.

Tão rica de seiva era ella, que transplantada ainda em botão a torrão estranho nenhuma da suas pétalas se queimou ou emmurcheceu. Quasi desconhecida na sua debil e tenra infancia, é hoje saudada com verdadeiro entusiasmo por aquelles que conhecem em — *Leon de La Vega* — apenas um modesto manto, debaixo do qual, tenta esconder-se aquelle mimoso fructo do nosso paiz.

Não sei se já alguma vez se deliciaram os teus ouvidos com os acordes sonoros da sua lyra — sim ou não — seja-te ou não familiar esse nome, apreciarás sempre essa linda poesia, esse mimo, que gostosamente offereço aos leitores do — Futuro. —

Educada na patria de Cervantes e Espronceda, foi ali que se desenvolveu a sua ardente e fogosa imaginação. Ape-

sar da convivencia que procurou sempre com os nossos melhores classicos — poetas e prosadores, a ausencia da patria fez que se lhe tornasse mais familiar o idioma espanhol, supposto não esquecesse nunca a lingua do immortal cantor das nossas passadas glorias. — É um canto inspirado ao avistar pela primeira vez a Cidade da virgem — soube que ella queria da-lo a lume n'um dos jornaes do Porto — foi um roubo que fiz aos seus assignantes, fazendo que ella me consentisse em offerece-lo aos leitores do Futuro. O remorso d'este crime compensa-lo-ha a sua gratidão, por lhes fazer conhecer e apreciar a nossa excellente poetisa.

A epocha corre folgasã e divertida. Os amadores da arte musical passam as noutes extasiados no nosso theatro lyrico ao ouvir aquelle — *Amelia io t'amo* do *Baile de Mascaras* tão bem interpretado pelo tenor Bignardi e por a primeira dama Julienne Degean, bem conhecida do illustrado publico brasileiro. — M^{me} Julienne Degean não é uma cantora na sua primavera, nem pôde pela sua bellesa attrahir ao theatro espectadores, que preferem a tudo ver no palco só imagens fieis da Venus de Praxitelles — mas o verdadeiro amator de musica reconhecerá em Degean uma perfeita cantora que conhece a arte, e que, já quasi a tocar o outonno da sua carreira, ainda assim nos ve.o fazer sentir n'aquella linda partitura de Verdi, bellezas que desconhecia-mos por não termos tido quem no-las traduzisse com tanto esmero e delicadesa. O tenor Bignardi manifesta como Degean alguns estragos produzidos pelo tempo, porem o muito conhecimento que possui da arte faz que seja sempre ouvido com praser, e não poucas vezes vê os seus esforços coroados com geraes e espontaneos aplausos. Degean e Bignardi são dous consumados artistas como ha muito não ouvimos no Porto. — O segundo reune á sua muita intelligencia uma attrahente e simpathica figura, levando nesta parte uma sensivel vantagem á primeira: — o baritono Butti e o baixo Marinozzi são igualmente dous cantores de reconhecido merito. A' vista disto, é facil advinhar que os amantes de musica se dão por satisfeitos com a companhia lyrica actual. — Aquelles que preferem a declamação ao canto, teem no theatro Baquet a Emilia das Neves, que depois de se ter feito admirar na — *Mulher que deita cartas* e na — *Tentação* — está colhendo mais flores para o seu glorioso ramilhete d'artista com a — *Joanna a Douda*. — Este drama, d'um merito incontestavelmente superior ás duas primeiras composições, é em que a Emilia

das Neves mostra mais os recursos que lhe dá o seu genio. A *mulher que deita cartas* é d'uma concepção infeliz, inverosimil, de pouco interesse dramatico, de situações extravagantes e forçadas. Ha porém a notar que as nossas plateias sympathisam em geral com composições d'esta ordem — A *mulher que deita cartas* deu oito enchentes consecutivas, muitas palmas, muitos bravos, e não poucas libras para o bolsinho da eximia actriz; — a *Tentação* não obteve igual triumpho. E' uma comedia delicada — por vezes fria e monotona — tem com tudo algumas situações d'interesse que foram maravilhosamente interpretadas pela Emilia, para quem foi expressamente tradusida (penso eu) pelo excellent author e traductor Ernesto Biester. — Mas, faltava ali um baralho de cartas — a *Espadilha* não affirmava cousa nenhuma — não havia crocodilos nem serpentes no quarto da bruxa — não appareceu uma caveira nem um esqueleto sequer: — e para cumulo d'infortunio nem um trovão, nem um relampago! — A' vista desta carencia que fez o publico? — não gostoti: e á segunda representação quasi não havia espectadores. A Emilia, que comprehendeu a sua gente, agarrou-se de novo ao baralho, viu dinheiro no fim do espectáculo e readquiriu a sua reputação que quasi via desaparecer. — Os que gostam de reuniões familiares tem o seu Eden na Philarmonica, que não se descuida de convidar mensalmente os seus socios para gosarem uma diversão de musica e dança. Os que amam os bailes com todo o seu esplendor, teem no Club onde saciar a sua vertiginosa paixão. — Todos se divertem conforme o seu mais ou menos apurado gosto, excepto os que presam as aventuras dos divertimentos carnavalescos. — Para esses é morta a esperanza! — O carnaval não promette nada! — Aquellas vistosas e interessantes cavalgadas de D. Sebastião, e Omer-Pachá, com o seu estado maior, e tantas outras exhibições brilhantes que quasi tornavam o nosso Porto rival da bella e encantadora Veneza, morreram para nunca mais voltarem. O theatro circo abriu-se no começo do anno, annunciando grandes e esplendidos bailes de mascaras. — Mouras e turcos predominam nestas funcções. Se o baile é em beneficio para o qual se tenham passado bilhetes, então aristocratisam-se um pouco mais, aquellas reuniões; e não é raro ver meia duzia de *principès*, e um ou outro *romano*, que se dignam honrar com a sua assistencia o beneficiado. Alguns poucos expectadores que a desgraça conduziu ali de gravata ao pescoço, morrem de semsaboria entre aquella multidão que salta e herra des-

enfreadamente. — Os principes e turcos levam gente sua para o *cavaco*, as Mouras casam-se com estes; e uma ou outra pastorrinha que apparece, não deixa tambem d'encontrar o seu *grego* para dançar uma mazurka, embora a musica esteja tocando uma quadrilha de Lanceiros. Os expectadores *gantès* são as mascaras d'aquellas reuniões! — ninguem os conhece. — N'uma d'estas noutes entrava eu no Circo—eram 11 da noute—quando o beneficiado acabava d'apagar um dos lustres do salão! — Alguem preveniu-o que o reaccendesse antes que a isso fosse constringido pela authoridade! — Estou no meu direito (dizia elle) havia luz para seiscentas pessoas — não estando mais que duzentas, creio que apagando eu um dos lustres fica essa gente ainda melhor illuminada do que estariam as seiscentas com os dous. — Este raciocinio produziu grande gargalhada e ninguem pôde convencer o homem de que dizia um absurdo. — Isto porém fez-me desejar conhecer mais de perto o beneficiado. — Achei por acaso um amigo que satisfizes a minha curiosidade, contando-me varios episodios da sua vida. — Achei graça á seguinte historia, que relato, tal qual m'a contou o meu amigo. — Uma fraquesa d'este homem é uma paixão louca por grillos. — O verão passado tinha elle dous n'uma gaiola, que tinha imaginado cobrir de flanella quando o inverno se avisinhasse, para (dizia elle) poder gosar todo o anno do melodioso som produsido pelo attrito das azas d'aquelles insectos musicaes. Não se descuidava de os ter sempre ao sol e fazer-lhe meiguices até sentir o primeiro som. Então ficava louco de contentamento, ria, chorava, saltava e esfregava apressadamente as mãos, terminando por os tirar por um momento da gaiola, beijando-os com um affecto puramente maternal. — Um visinho, porém, que não tinha a mesma predilecção pela tal musica, ou só por espirito humanitario, aproveitou-se d'um descuido do martyr em não recolher ao anoutecer como costumava os dous pequenos cantores, e lançou mão da gaiola que só collocou cuidadosamente no mesmo sitio depois de lhes ter dado a liberdade. Qual não foi porém o espanto do pobre homem, quando no dia seguinte pela manhã, pensando em alimentar o enlevo da sua singella e candida alma, vê a gaiola vazia! — Pega n'ella; volta-a, torna-a a voltar, examina-a..... e quando vê que os alfinetes estavam todos no mesmo sitio, sóbe ao cumulo a sua surpresa! — Aqui ha grande misterio! — exclamou—os grillos não fugiram, porque era impossivel! os grillos não morreram porque então haviam

d'existir aqui — dous cadaveres ! Deixa cahir a cabeça quasi desfallecida sobre a mão direita e agarrandō vigorosamente um punhado de cabellos parecia tentar arranca-los. Os olhos fitava-os indagadores sobre a gaiola pousada no peitoril da janella. De repente levanta-se, dá uma pancada na testa e grita — oh ! fatalidade ! agora comprehendo o misterio ! — Comeram-se um ao outro ! A par d'esta, seguiram-se outras, mais ou menos curiosas.

Aproveitei esta para dar aos leitores uma ideia da intelligencia do tal beneficiado, e para que, se elles a cotejarem com a do narrador, seja, talvez, com alguma vantagem para o teu mano e amigo

MIGUEL NOVAES.

A LA CIUDAD DE PORTO.

Yá que, oh suerte ! hora detengo
 Mi camino presuroso
 Junto al Duero, el claro foso
 Del castillo liberal
 Um momento ! en sus almenas
 Grabaré, y en su ancho muro,
 El mi nombre, el de un oscuro
 Hijo fiel de Portugal.

Y otrosi en la verde orilla
 Por las gracias habitada
 La de Europa celebrada
 Trova humilde entonaré ;
 Si acertara a serte grata
 Si un aplauso mereciera,
 Por felice me tubiera
 Bien me holgara, Porto, a fé.

Pediréle a las Sirenas
 De su voz el duce acento,
 Su murmullo al manso viento
 De las tardes del Abril :
 Y colores a ese Cielo,
 A esa luna, a esos albores,
 Y sus gracias a las flores
 A las flores del Pensil.

Beberé del claro Duero
 Por que el filtro que en si encierra
 Que en su orilla dá a la tierra
 Y ella avara absorbe en fin ;
 Diz que el pecho vivifica
 Da a la voz audacia nueva,
 Y energia, y gracia, y brio
 De humanado Serafin.

Garret, Ferreira, Brandão. . . .
 Enviad por um momento
 La fugaz region del viento
 Vuestras musas animar;
 Ah ! que vengan, ya que canto
 Cabe el claro alegre rio,
 El laud oscuro mio
 Generosas a templar.

Que al llegar la primavera
 De los Bardos la alma hermosa
 A su patria baja anciosa
 Des que soy cantor crei ;
 Que dirán, Porto, al oirme
 Tan humilde en tus loores
 Tus sesenta Trovadores ?
 Que dirán, laud, de ti ?

Yo lo sé ; las nobles almas
 Cuanto grandes generosas,
 Las miradas piadosas
 En su hermano fijarán ;
 En mi pecho dolorido
 Verterán raro consuelo
 Y a su trono al almo cielo
 Sonriendo subirán.

Si lograra voz sonora,
 Cuanto fuera venturoso !
 Mas mi canto, vergonzoso
 No he de alzar por esta vez :
 Pensaré que Gil Vicente
 Portugués que Apolo honrava
 Por donaire asi cantava
 Y en hacerlo adquirió prez.

Hora aqui en la verde orilla
 Por las gracias habitada
 La de Europa celebrada
 Trova humilde entonaré ;
 Si acertara a serte grata,
 Si un aplauso mereciera,
 Por felice me tubiera
 Bien me holgara, Porto, a fé.

Tu no sabes... poderoso
 Los tesoros que en ti encierras
 Cuanto rico desdeñoso.
 No te cumple avaro ser:
 Mas los heroes extranjeros
 Que a ti guia raro instinto,
 Han querido en tu recinto
 Panteon augusto hacer,

Nobles sombras! mas honradas
 No estuvieran en la tierra,
 Que en el orbe nó se encierra
 Mas bendita y mas feliz;
 Es su escudo, la del cielo
 Venturosa Soberana,
 A su sombra. el alma ufana
 Si animó de Egas Muniz.

Egas Muniz, el gigante
 Blason de una tierra honrada;
 El de palabra y de espada
 De igual austero valor;
 Honró al hombre en sus virtudes:
 Heroe fué del mundo entero;
 La norma del Caballero,
 De la Lusitania honor!

Y con el en su recinto
 Que naciera al cielo plugo
 El que a Ceuta impuso el yugo
 El asombro del valor;
 Cuya planta la primera
 Holló el Africa bravía,
 El frontero de Leiria
 Henrique el descubridor.

Salve, oh! sombra de Padilla
 La bizarra Castellana;
 No nacieras tu Romana,
 Coriolano a aleccionar!
 No en tu manto ocultarias
 El licor que al alma daña,
 Que el Gusman la heroica hazaña
 Solo hubiera de imitar.

Salve, oh Carlos! el Eterno
 Grande siempre en sus arcaos,
 Solo escije a los humanos
 Bondadosa cuenta asaz;
 Dó llegó la inteligencia
 Llegó el premio, y gracia, y pena...
 Tus ideas fueron buenas,
 Salve, oh Rey, descansa en paz.

Orgullosa diz que ostentas
 De laureles coronada
 Tu aucha frente basonada,
 Y nó mienten, que es verdad ;
 Por mi te que es justo ! entanto
 La lealtad te dé la gloria,
 De tus lauros de victoria
 Evanece te Ciudad !

! Orgullosa !... y serlo puedes,
 Que eres noble, y rica, y bella,
 Y tu aulaz serena estrela
 Siempre fija te es leal :
 Nunca el genio, fiel altivo,
 Que inspirado te dispone
 Los destinos, abandone
 Tu brillante pedestal !

Nunca el Duero menos claro
 Rize el d rso diamantino,
 Y ni un hora su destino
 Triste, olvide celebrar :
 Nunca el cielo menos puro
 Te cobije, y esplendente.
 Ni te esquive el sol ardiente
 Su benefico brillar.

Si hubo, oh Porto ! ha tiempo un dia
 En que fuiste mas hermosa
 Respetada y poderosa,
 Que ese vuelva anhelo yó ;
 Y si en limites humanos
 Mas que fuiste ser pudieras
 Aun quisiera que tu fueras
 Mas que en tiempo que pasó !

De tus hijas, claro Duero,
 Sorprendiome la hermosura
 Como un sueño de ventura
 Que sonrie al porvenir :
 Querubines de ojos negros
 De encantada luz serena,
 Las de talle de Sirena,
 Las del candido reir.

Son hermosas; y do brilla
 Claro rayo de belleza
 Mi entusiasmo y mi sorpresa
 Me esclavisa al ser gentil :
 Son hermosas y a mi pecho
 Su mirada refulgente
 Fue mas grata que el ambiente
 De las tardes del Abril.

Peregrinas avecillas
 De encantado Paraiso,
 No penseis si otras orillas
 Hay de aquestas mas allá ;
 No señeis otros vergeles
 A que preste el sol mas galas,
 Ni los hay, ni vuestras alas
 Os volvieran luego acá !

Fieles sed al prado ameno
 Que os vió alegre el primer paso,
 Del que hubisteis por acaso
 La primer guirnalda en flôr ;
 Grato complice inocente
 De los juegos y las risas,
 El que os guarda entre sus brisas
 Los suspiros del amor.

Peregrinas avecillas
 De encantado Paraiso
 De un milano antojadizo
 Ruego al cielo os libre amen :
 Librará, que habeis guardianes,
 Y el valor no degenera ;
 Prevendrán tales desmanes
 Por el suyo y vuestro bien.

Si hubo ; oh Porto ! ha tiempo un dia
 En que fuistes mas hermosa
 Respetada y poderosa,
 Que ese vuelva anhelo yó ;
 Y si en limites humanos
 Mas que fuiste ser pudieras
 Aun quisiera que tu fueras
 Mas que en tiempo que pasó !

Porto. — Diciembre de 1862. — *Leon de la Vega.*

Do Amor nas lendas pagãs.

III.

AMOR-PRINCIPIO.

Venus nasceu das espumas do mar.
 O berço do Amor foi o calix de uma rosa.
 Qual destas duas lendas preferiríeis : a grega ou a japonesa ? São ambas lindas. Isto prova que em materia de amor todos os povos têm espirito."

Tentemos decifrar, descobrir o espirito da ficção.

O mar é a immensidade, a extensão de Deus. As espumas do mar são o seu desabrochamento em alvissimas flores de neve. Deus irradiou-se, e a mulher nasceu. Venus, a deusa do Amor, é a personificação da essencia da mulher. Juno é a belleza varonil, é a força. Minerva é a belleza senil, é a sabedoria. Só Venus é a belleza feminil, o typo superior, o archetypo. Paris, isto é, a critica transcendental e ao mesmo tempo a humanisação do espirito artistico, conferiu o premio a quem de direito.

Consequencia: — O Amor é o principio.

Na mimosa tradicção japoneza o fundo é o mesmo. O Amor ao nascer foi embalado no calix de uma rosa.

Quem o engendrou não seria a terra? Isto é dogma na religião de Odiu. A rosa, a corôa do reino vegetal, é a suprema realidade da maternidade da terra.

O Cupido da theogonia grega é uma personagem multipla. Ha muitos Cupidos, deuses do Amor. Um delles é o mais velho de todos os deuses, e anterior a todos os seres, com excepção do Chaos, seu contemporaneo. Este Cupido não teve pae nem mãe; nasceu de si mesmo e engendrou a criação pelo movimento no chaos. Vai ahi o esboço de uma theoria philosophica. Passemos adiante.

O filho de Venus, outro Cupido, é o mais moço de todos os deuses. E' a este que os nossos avós dirigiam glosas e colchêas. Como estamos longe do começo do nosso seculo! A maior e mais gloriosa revolução franceza foi feita por Shakspeare e Goethe na litteratura. O que é Shakspeare? é 1789 na poesia.

O Cupido menino nunca passou de merino: porque? Mais de uma vez elle encolerisou-se e deu desgostos á sua mãe. Traducção — O amor não pensa, é irreflectido e arrebatado como os meninos. E' occasião de peccado, dizem os commentadores da biblia. A biblia nunca disse isto. Todavia, é certo que na biographia de Cupido avultam muitos capitulos escandalosos.

O Deus-menino anda nú: porque, ainda? Bacon explica-o no sentido da philosophia, quando falla d'aquelle outro Cupido, o de cabellos brancos, que os poetas chamavam o ovo da noite, *ovum noctis*. No systema de Democrito, Cupido é o atomo gerador, é simples, é nú. Mas isto é o Cupido-ovo, não é o filho de Venus. Este anda nú, porque o

amor é lhano, é singelo, não sabe disfarçar, não estuda phrases, é chão. Fructo da filha do mar, elle deve de participar d'esta origem divina : é nú.

Vamos ás planicies ardentes da Africa, ao Egypto, o *sancto sanctorum* da sciencia humana.

A Noite gerou uma filha e um filho. Elles amaram-se no ventre materno. Isis, a filha, concebeu de seu irmão. O producto desse amor congenito, Horo, é o proprio Osiris. E' a trindade mystica da creação. Quem gerou a trindade ? o amor. O Espirito, diz a Egreja. Logo o amor é o verbo da creação, *ovum noctis*. Porque da noite ? porque a noite é o chaos, é o que era antes de ser. Isto não é metaphysica, é a realidade viva.

E mais viva ainda é a legenda christã. O Pae fecundou a creatura, Maria. D'ella nasceu o creador, Christo, principio e fim, increado e creado, o alpha e o omega da creação. Quem operou o milagre ? O Espirito, isto é, o Amor.

As lendas concordam. A humanidade tem alma : Hegel demonstra-o a toda a luz. A alma da humanidade pensa, e suas idéas são absolutas. Não importa a diversidade das fórmas. Nem todos os ceus são diaphanos. Mas o principio é o mesmo.

A que vem tudo isto ? A uma só palavra, a esta grande palavra de Michelet : — A mulher reina. « O amor é real, como segunda vista ; é real, como creação ; é real como creação dupla e reflectida. » Diz elle no seu profundo e consciencioso livro *da Mulher*.

Henrique Beyle (de Stendhal) commetteu um erro no seu tratado *do Amor*. Foi estudal-o onde menos devia e menos importava, no salão, no theatro e nos caminhos de ferro. O salão não é o lar, não tem deuses penates, não é o sanctuario do amor. D'ahi a espirituosa, mas falsissima definição d'aquelle escriptor : — O amor é uma chrystallisação, a chrystallisação dos ramos seccos nas minas de Salzburgo.

O *Codiqo do amor*, redigido por damas de alto cothurno do seculo XII, diz no artigo 9 : *Amare nemo potest, nisi qui amoris suasionem compellitur*. O amor é uma persuasão, é a força de uma verdade, cala n' alma.

Conclusão :

A mulher é a fórma, cujo principio é o amor. Ora,

a fôrma da idéa é a poesia. A esta 'sublime poesia incumbe uma grande missão : Civilisar o homem pelo coração, pelo que elle tem mais serio n'alma — o sentimento.

Araruama, 10 de novembro.

MACEDO SOARES.

DINHEIRO !

(Continuação do n.º 11.)

XLIV

*Vasco da Gama, o forte capitão
Que a tamanhas emprêsas se offerece,
De suberbo, e de allivo coração,
Nem assim teu poder o favorece :
Com vaidade sem fim, cega a razão,
Todo o globo pequeno lhe parece :
Mais mundos inventar determinava,
Mas não lhe succedeu como cuidava.*

XLV.

Com outros, seus iguaes, em *companhia*,
Cheirando, ora, esta praia, e logo *aquella*,
Buscava a que mais vasta *parecia*,
Cortando o longo mar com larga vella :
E desvairados, todos, *de alegria*
Por verem nova terra, e o povo *d'ella*,
« *Que gente será esta (em si diziam)*
« *Que costumes, que lei, que rei teriam ?*

XLVI.

Soffrendo, a viajar por tal *mancira*,
 Rigorosas dietas, e *compridas*,
 Uns sobre outros dormindo n'uma *esteira*,
 Quando eu tinha almofadas *bem tecidas*,
 Da lua a luz só tendo *verdadeira*,
 Tendo eu as serpentinas *accendidas*,
 Nem sonhavam que o pobre, e *não prudente*,
 Quanto mais fogo tem, mais frio *sente*.

XLVII.

Levavam na partida bons *vestidos*
De varias cores brancos, e listrados,
 Mas, gastos na viagem, só *cingidos*
 Os farrapos traziam *sobraçados* :
 E, de todo, mais tarde já *despidos*,
 Da cintura pendentos os *terçados*,
 Inda, afoutos, nas agoas *navegando*,
 Dizem que em berimbaus iam *tocando*.

XLVIII.

Os povos, lá das praias, *acenavam*,
 Elles, de cá, pediam que *esperassem*,
 E do navio á borda se *inclinavam*
 Aguardando que os ventos *amainassem* :
 E em quanto os marinheiros *trabalhavam*,
 Sem que as rudes manobras *acabassem*,
 Vão alguns espreitar lá da verga *alta*,
 Este dança, outro canta, aquelle *saltu*.

XLIX.

E nesta pátuscada, a pobre *gente*
 Aos abysmos baixava, ao ceu *subia*,
 E tornando a descer, *humanamente*.
 Famosos trambolhões só *recebia* :
 Manda-se a mesa *pôr em continente*,
 Vásios, sujos pratos só *havia* ,
 — Na praia os outros, a brincar, se *deitam*,
 E, comida que chega, *nada engeitam*.

L.

*Comendo alegremente perguntavam
 Pela arabica lingua, « d'onde vinham ?
 Quem eram ? de que terra ? que buscavam ?
 « Ou que partes do mar corrido tinham ! »
 Os fortes Luzitanos lhe tornavam
 As discretas respostas, que convinham
 « Os Portuguezes somos do Occidente ;
 « Imos buscando as terras do Oriente*

LI.

*« Do mar temos corrido, e navegado
 « Toda a parte do Antartico, e Callisto ;
 « De mosquitos o barco rodeado,
 « Medonhas passarolas temos visto ;
 « Sempre longe o peixinho, tam amado,
 « Proximo o tubarão, menos bemquisto ;
 « Não podêmos andar com leda fronte,
 « Mas no lago entraremos de Acheronte.*

LII.

*« Seccos, mirrados, por aqui andamos.
 « E é para nós maná chuva de rega ;
 « Mas ás vezes, se ao largo navegamos,
 « Em ondas cá por dentro o mar navega ;
 « Mas deixemos massadas, e saibamos,
 « (Se entre vós a verdade não se nega)
 « Quem sois ; que terra é esta que habitais :
 « Se de gente só tendes os sinais. »*

LIII.

*Somos (um dos das ilhas lhe tornou)
 « Uns patuscos, sem leis, e sem nação :
 « Chora por nós a Mãe que nos creou,
 « Mas deixal-a chorar, que tem razão ;
 « Certas cousas por lá nos ensinou
 « Sobre as leis de Mafoma, e de Abrahão.
 « E nós fomos á cara ao senhorio,
 Porque somos christãos, e elle é gentio.*

LIV

« Tinha lá no torrão *em que habitamos*
 « De rebeca aprendiz, inda na *escala*,
 « E, a fugir-lhe, nas *ondas navegámos*
 « *De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala* :
 « Contra os dous um refugio *procurámos*,
 « Que tal terra fugimos *de habital-a*
 « *E porque tudo, emfim, vos notifique*,
 « O nome deste forno é *Moçambique*.

LV.

« *E já que de tão longe navegais*,
 « Se vindes bem sortidos de agoa *ardente*,
 « Vamos todos beber, por que *sejais*
 « *Guiados pelas ondas sabiamente* :
 « *Tambem será bem feito que tenhais*
 « *Da terra algum refresco, e que o Regente*
 « Que a barcada governa, mal nos veja,
 « De mais alguns petiscos nos *proveja*.

LVI.

Ali, só em folguedo *se tornou*
 A expedição de Gama & *companhia* :
 Por isso o amigo Vasco *se apartou*,
 Fez ao seu povo a usada *cortezia*,
 E do porão no *fundo se encerrou*,
 Onde não penetrasse a luz do *dia*
 Não consentiu que alguém lhe *alumiasse*,
 Só á sucia ordenou que *repousasse*.

LVII.

De noite poz-se a pannos toda 'a *frota*,
 Com *extranha alegria e não cuidada* ;
 Que não era entre gente *tam remota*
 Recepção tão grosseira a *desejada* ;
 N'uma taboa, com giz, tomou-se *nota*
 Da exquisita aventura *desusada*,
 E como que era fado todos *creram*,
 Inda mais sobre as *ondas se estenderam*.

LVIII.

Ao longe os vaga-lumes *rutilavam*
 E sobre as crespas *ondas neptuninas*
 Os peixes, a saltar, *acompanhavam*,
 Brilhando, como em terra alvas *boninas* :
 Melhor, se fritos fossem, *repousavam*
 Nas animadas covas *peregrinas* ;
 Que o estomago, ha muito, *vigiava*
 Por ver se entrava *alguem*, qual *costumava*.

(Continua.)

F X. DE NOVAES.

 CHRONICA.

Rio de Janeiro, 1º de Março de 1863.

Entre os poucos factos desta quinzena um houve altamente importante: foi a supressão da procissão de Cinza. Em 1862, logo ao comêçar a quinzena, publicou uma das folhas diarias desta côrte um artigo pequeno, mas substancial, no qual uma voz generosa pedia mais uma vez a supressão das procissões, como nocivas ao verdadeiro culto e filhas genuinas dos cultos pagãos. Nem o autor, nem o mais crédulo de seus leitores, acreditou que essa usança fosse supprimida; e a mesma grosseria, o mesmo fasto, o mesmo vão e ridiculo aparato passou aos olhos do povo sob pretexto de celebrar os successos gloriosos da igreja.

Em um jornal politico, publicado então, e cujo 2º numero acertou de sahir na sexta-feira da paixão, veio inserta uma carta ao nosso prelado, menos eloquente e erudita, mas tão indignada como o artigo a que me referi. Assignavão essa carta umas trez estrellas, occultando o verdadeiro nome do autor, que era eu. O desgosto que me communicára o primeiro articulista, augmentando o que eu já tinha, deu nascimento a essas linhas em que eu fazia notar como prejudiciaes ao espirito religioso, essas grosseiras praticas, mais que proprias para produzir o materialismo e a tibieza da fé. Era simplesmente um protesto, sem pretensão de succedimento.

Para acreditar possivel uma reforma completa que faça do culto uma cousa seria, tirando-lhe o aparato e as empoeiradas usanças, era preciso admittir no clero certa elevação de vistas que infelizmente não lhe coube na partilha da humanidade. Sem exageração, o nosso clero é tacanho e mesquinho; nada enxerga para fóra das paredes da sacristia, metade por ignorancia, metade por systema. Notem bem que eu não digo fanatismo ou excesso de fé.

Neste desanimo, foi uma verdadeira e agradável surpresa a resolução tomada pela respectiva ordem, de supprimir a procissão de cinza, principalmente

pelas razões em se fundou a resolução e que concluem do mesmo modo que as censuras dos verdadeiros catholicos.

Esta novidade, tanto mais admirou, quanto que a *Cruz*, jornal religioso desta côrte, órgão do clero dando a noticia, alliou-se um tanto ás idéas que tinham determinando a resolução.

Não ha louvor bastante para essa resolução; as procissões, não as atura um animo religioso e civilisado; não fazem rir, desgostam á verdadeira fé, e em troca disso, é positivo que não dão proveito algum.

Vinha a proposito reflectir sobre a educação religiosa do nosso povo; apreciar, a maneira porque se lhe incute a fé, fazendo o expectaculo e o fausto profano aquillo que é serviço do ensino e da palavra christã. Não ha melior caminho para o materialismo, para a indiferença e para a morte da fé.

Deve instalar-se brevemente uma utilissima associação de homens de letras. E' cousa nova no paiz, mas de tal importancia que me parece não encontrar o menor obstaculo. Trata-se de instituir leituras publicas de obras originaes; para isso convidam-se os homens de letras residentes nesta côrte; talvez a esta hora a instalação seja cousa feita.

A iniciativa pertence a um distincto e erudicto escriptor que affaga a idéa de ha muito e que uma vez por todas lembrou-se de pratical-a ou abandonal-a, se não tivesse acceitação.

Não creio que tão nobre esforço seja sem effeito.

Naturalmente na proxima chronica estarei habilitado a fallar dessa associação e das bases que houver adoptado; até lá fico pedindo ao deus dos escriptores, se ha um especial para elles, que ampare e dê vida a tão proveitosa idéa. Affazer o povo ás leituras sãs, educal-o no culto do bello, ir-lhe encaminhando o espirito para a reflexão e concentração, trocando as diversões faceis pela applicação proveitosa, eis ahi em resumo os grandes resultados desta idéa.

A direcção do Athenêo Dramatico fez ha tempos uma excellente aquisição. Para dar começo ao ensino pratico que faz base do seu programma, convidou o Sr. Emilio Doux que vai ensinar aos artistas alli contratados os preceitos da arte, acompanhando esse ensino as diferentes peças que se forem representando.

E' claro que nas circumstancias em que nos achamos relativamente a theatro, este acto pôde ser fecundo de resultados, e é digno de menção. Elle prova que a direcção do Athenêo Dramatico acceita o cargo que se impoz, como uma missão de progresso, e que procura por todos os meios a seu alcance chegar a resultados definitivos.

Não é, portanto, auxiliares que faltam ao governo, se elle quizer tomar a peito a criação de um theatro normal; a insistencia da iniciativa individual, que dá tão acertadas providencias, está indicando que o pensamento do governo pôde encontrar habeis mãos executoras.

O Athenêo Dramatico, se perecer no meio dos esforços, ficará como um grande exemplo de coragem, de trabalho, de amor ao progresso, e, o que é mais, um exemplo de verdadeiro progresso.

E' força terminar; termino, não sem convidar o leitor a ir ouvir a *Risette* do Alcazar. Houve gente de má gosto que procurou fazer crer que esta não é a verdadeira *Risette*...

*Ehl non, non, non,
Vous n'êtes pas Risette...*

Não sei; não lhe vi a certidão de nascimento; mas, se não é a tal *Risette*, é uma grande *Risette*, com certeza.

Tenho a honra...

MACHADO DE ASIS.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

COLLABORADO POR VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

Condições da assignatura.

Para a Corte 13\$000. Para a Província da Corte e Províncias 17\$000.

Assigna-se no escritório da redacção

RUA DO OUVIDOR, 46, 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.
Cunha Irmãos & Comp.
Luiz Augusto de Oliveira
Joaquim Baptista Moreira
Silva & Costa.
Francisco Luiz Ribeiro
Joaquim Alves Leite
J. J. de S. Ayram Martins.
Felizardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guinaraes.
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.
Pernambuco.
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras.